



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

Tecnologia, Trabalho e Cuidado: um percurso inicial na pesquisa e na extensão

**Aman Azevedo, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), amandazvn@gmail.com**

**Ana Lilyan Santos, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), analilyan.2913@gmail.com**

**Emilly Marinho, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), emillyvaz@poli.ufrj.br**

**Fernanda Santos, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), fernanda.s.araujo@gmail.com**

**Larissa Gomes, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), larigf1@hotmail.com**

**Lucas Scoralick, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), lucas.scoralick@poli.ufrj.br**

**Raphael Luis Damasceno, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social,
(NIDES/SOLTEC), raphaeluisd@gmail.com**

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

EIXO TEMÁTICO: Estudos tecnológicos, desenvolvimento e sociedade

RESUMO

Este projeto, que faz parte do Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/NIDES/UFRJ), propõe investigar os atravessamentos entre os conceitos de tecnologia, trabalho e cuidado, com base em uma série de iniciativas protagonizadas por coletivos de mulheres negras que habitam territórios periféricos. Parte-se de uma leitura crítica da tecnologia, demonstrando que tal concepção tende a não considerar interseções com raça, gênero e sexualidade e a desconsiderar a esfera do trabalho que garante a reprodução da vida. Ressignificando a ideia de tecnologia, buscaremos identificar rotas de desenvolvimento tecnológicos de resistência e analisar como as dinâmicas de produção e reprodução da vida no território se relacionam com esse percurso da técnica. Ainda buscaremos refletir sobre o lugar ocupado pelo cuidado nessas dinâmicas. Influenciadas pela educação popular e pelas abordagens ecofeministas, trilharemos um percurso metodológico intencionado para o diálogo amplo e sensível com as protagonistas dessas histórias, tensionando as relações de poder que cercam o campo da ciência e da tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Cuidado. Mulheres. Tecnologia. Projeto.



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

BASE TEÓRICA

Cuidar é fazer um trabalho para preservar a vida de outre. Um trabalho que abarca dimensões objetivas e materiais ao mesmo tempo em que mobiliza subjetividades, afetos, intelecto e emoções. Nas palavras de Carrasco (2003, p. 17): “a magnitude e responsabilidade desta atividade leva a pensar na existência de uma 'mão invisível' muito mais poderosa que a de Adam Smith, que regula a vida cotidiana e permite que o mundo siga funcionando”.

Em sociedades regidas pela lógica do capital, o cuidar, no entanto, é visto como um elemento subalterno do viver. Cuidar não é reconhecido como um trabalho, uma vez que não atende a demanda primordial do sistema de gerar recursos monetários. Vivemos, todavia, uma ontológica dependência de cuidados. Sem cuidado não há manutenção e reprodução da vida.

Assim, o trabalho de cuidado é absorvido por quem ocupa as margens do sistema hegemônico, não apenas capitalista, mas também patriarcal e racista. O cuidar é feminino, e nos países marcados pela escravidão, o cuidado também é racializado. Não só porque são majoritariamente as mulheres, sobretudo as mulheres negras, que assumem a maior parte dos trabalhos de reprodução, mas também porque se entende a capacidade de cuidar como um atributo essencial do modelo hegemônico de feminilidade e subalternidade.

O conceito de divisão sexual e racial do trabalho é fundamental para compreender como as relações sociais se configuram através de uma distinção entre o que seria o trabalho de homens e o de mulheres, conferindo a estes valores sociais e econômicos diferentes e hierarquizados. Para Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho está no cerne da organização das relações sociais entre os sexos e nas hierarquizações constituídas, e se sustenta pela legitimação social que naturaliza esses papéis com base em argumentos também biológicos.



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

O sistema capitalista se organiza, portanto, a partir de uma racionalidade que subalterna o cuidar, e sobrevive, literalmente, porque se naturaliza o caráter feminilizado e racializado de quem cuida. As atividades domésticas de cuidado e reprodução da vida são invisibilizadas, e tampouco são consideradas trabalho. Consequentemente, se apresentam como atividades não pagas ou muito mal remuneradas.

Diferentes linhas de pensamento contra hegemônicas tendem a desconsiderar essas dimensões estruturantes do sistema. De acordo com Vasconcellos (2017), no campo das alternativas sociotécnicas, que se propõem a um pensamento e uma ação contra-hegemônica em oposição ao sistema científico e tecnológico do capital, essas dimensões organizadoras da hegemonia seguem sendo pouco visibilizadas. A autora questiona como as perspectivas que se constituem como alternativas no campo das disputas sociotécnicas podem reproduzir hierarquizações vinculadas ao gênero e à raça.

O campo das alternativas sociotécnicas parte do pressuposto de que ciência e tecnologia, não são neutras, mas sim produtos da complexa teia de relações sociais e de poder que permeiam as sociedades contemporâneas. Simetricamente, são também geradoras de estruturas e processos que podem reforçar ou perturbar a ordem constituída na sociedade.

A abordagem da Tecnologia Social (TS), uma das vertentes encontradas no amplo campo das alternativas sociotécnica, se propõe a refletir sobre os processos de construção de tecnologias alternativas às hegemônicas e adequadas às necessidades da auto-organização popular (NOVAES; DIAS, 2010).

Dagnino (2014) define a TS fazendo um contraponto ao que ele chama de Tecnologia Convencional (TC). Para o autor, a TC é o resultado da ação do empresário sobre um processo de trabalho em um contexto socioeconômico marcado pela propriedade privada dos meios de produção, de um acordo social que legitima uma coerção ideológica por meio do Estado, em um ambiente produtivo onde o controle é



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

imposto e assimétrico e a cooperação é de tipo taylorista, permitindo uma modificação no produto gerado passível de ser apropriada pelo empresário. De outro lado, a TS deve ser então o resultado da ação de um coletivo de produtores sobre um processo de trabalho, em um contexto socioeconômico marcado pela propriedade coletiva dos meios de produção, de um acordo social que legitima o associativismo, em um ambiente produtivo onde o controle é democratizado (autogestionário) e a cooperação é de tipo voluntária, permitindo uma modificação no produto gerado passível de ser apropriada segundo a decisão do coletivo.

Em suma, a TC é desenvolvida pelas empresas capitalistas que tem como objetivo extrair mais-valia e ampliar seus lucros. Enquanto a TS é desenvolvida pela economia popular e solidária e tem como objetivo gerar trabalho e renda, reduzir a miséria humana e aumentar a autonomia das pessoas na sociedade.

O pensamento feminista aponta, no entanto, uma crítica pertinente a essa forma de abordagem da TS. A definição que apresentamos acima se apoia em uma perspectiva marxista concentrando foco na órbita da produção de bens e serviços. Ela carrega a herança de um conceito de trabalho que encarna a lógica capitalista, patriarcal e racista. E a parte do trabalho que não orbita na esfera da produção de bens e serviços, mas que garante dia-a-dia a reprodução da vida? Segundo Angela Davis (2016):

A separação estrutural entre a economia pública do capitalismo e a economia privada do lar tem sido continuamente reforçada pelo PRIMITIVISMO OBSTINADO DO TRABALHO DOMÉSTICO. Apesar da proliferação de utensílios para a casa, o trabalho doméstico se manteve, em termos qualitativos, inalterado pelos avanços tecnológicos introduzidos pelo capitalismo industrial. As tarefas domésticas ainda consomem milhares de horas do ano típico de uma dona de casa.

O androcentrismo que persiste nas bases das leituras sobre Tecnologia Social (TS) segue invisibilizando uma enorme carga de trabalhos feitos fora do contexto do trabalho dito “produtivo”, sobretudo pelas mulheres, em especial mulheres negras. A crítica apresentada pelo pensamento feminista busca reconhecer e valorizar esse



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

trabalho invisibilizado, e assim nos convida a olhar para o trabalho reprodutivo e refletir sobre o lugar social do cuidar.

O reconhecimento da existência do trabalho de reprodução em nossa sociedade, no entanto, não é suficiente para compreender as maneiras através das quais se perpetua uma lógica discriminatória. A partir de uma leitura do pensamento econômico, as Economistas Feministas radicais (CARRASCO, 2003, 2004) salientam que o que se invisibiliza não é tanto o trabalho de reprodução em si, mas a sua relação de dependência com o trabalho de produção. Por meio da construção teórica de um *Homos economicus* ratifica-se um imaginário da figura de um homem completamente autônomo, que circula entre trabalhos e mercados sem carregar em si nenhum tipo de necessidade de cuidado para a sua sobrevivência e a de seus familiares.

Vasconcellos (2017) aponta que por trás dessa crítica há um tensionamento entre a obtenção do lucro e a inevitável dependência humana de cuidados e de pessoas que realizam trabalhos “não mercantilizáveis” para garantir a sobrevivência da espécie. Para o sistema capitalista, essa questão se resolve como uma “externalidade”, delegada ao âmbito doméstico, que transforma esse lugar no centro de organização e gestão dos cuidados e minimiza de maneira considerável os custos do sistema econômico.

Produção e reprodução são duas faces da mesma forma de organização social, e não apenas dois elementos em disputa. Ainda que, na atualidade, haja um evidente desequilíbrio imposto sobre esses trabalhos, o desafio maior é incidir sobre as forças que os separam e centrar nosso olhar sobre as conexões que eles mantêm.

A pesquisa aqui proposta nasce no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS), vinculado ao Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ). O campo da Tecnologia Social define uma das linhas de pesquisa do PPGTDS.



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

SERRA DA MISERICÓRDIA

Nos últimos anos, tem ocupado espaço nas agendas de pesquisa desse campo estudos que buscam trazer abordagens interseccionais. Nessa perspectiva, está em andamento no NIDES a pesquisa de título Tecnologia, Trabalho e Cuidado (TTC), que partiu de um projeto de mestrado que se propôs a estudar as relações entre produção e reprodução, pelo olhar das alternativas sociotécnicas, no território da Serra da Misericórdia, localizado no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro.

Este território possui algumas fronteiras que são delimitadas por suas diferentes definições. Ali se situa uma Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana (APARU), renomeada “Parque Municipal Urbano da Serra da Misericórdia”, estabelecida pelo decreto nº 33.280/2010. O território também pode ser definido como uma parte do Complexo de favelas da Penha e do Alemão, área em disputa pelo tráfico de drogas e pela milícia, apesar de ser considerada pelo governo do Estado como “área pacificada” desde 2010. É ainda um local ocupado e explorado por pedreiras privadas desde 1940 e, ao mesmo tempo, segundo uma liderança comunitária, “a última área verde da região da Leopoldina”.

A precariedade das condições de vida e trabalho e a vulnerabilidade da população racializada que habita esse território nos permitem afirmar que essa é uma das “zonas de sacrifício” citadas por Helene (*et al*, 2020). No artigo intitulado “A gestão dos cuidados tem gênero, raça e classe: as zonas de sacrifício da Covid-19 nas cidades brasileiras”, as autoras analisam informações relativas à conformação urbana e à letalidade da Covid-19, observando maiores taxas de contaminação e mortalidade nas periferias urbanas. Assim elas definem as chamadas zonas de sacrifício e apresentam e debatem uma crise na gestão dos cuidados e da reprodução da vida no contexto da pandemia.

No início da pandemia do COVID-19 nos chamou atenção a movimentação de um grupo de mulheres na Serra da Misericórdia. Estimuladas pela atuação comunitária de uma Organização Não-Governamental (ONG) chamada Centro de Integração da Serra



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

da Misericórdia (CEM), esse grupo protagonizou iniciativas como: a reforma de uma escadaria de acesso a comunidade; a construção de uma cisterna para abastecimento de água da população; a organização de uma cozinha coletiva para produção de alimentos para dentro e para fora da comunidade; o estímulo e capacitação para a criação de quintais produtivos, realizando uma série de Encontros de Quintas que envolviam outras organizações e grupos de agricultura urbana e agroecologia; a realização de ações de saúde e cuidado em parceria com a rede de saúde da família da região; entre outras.

O diálogo com uma liderança comunitária que participa da articulação dessas ações nos permitiu iniciar este percurso de pesquisa. A partir de agosto de 2020, fomos a campo com a intenção de investigar e apoiar essas iniciativas protagonizadas por mulheres na Serra. Ao longo desses quase três anos de relação com o território vimos essas ações se transformarem bastante. As dinâmicas de produção e reprodução da vida na Serra se reconfiguram permanentemente para garantir a (re)existência dos corpos que ali habitam, e com elas vimos emergir uma diversidade de alternativas sociotécnicas que sustentam suas formas de vida.

Ao observar e interagir sensivelmente com essas dinâmicas buscamos identificar esse conjunto de alternativas que podem conformar uma rota de desenvolvimento tecnológico contrahegemonico, orientado para a vida, e não para a exclusão e o extermínio como aquele dominante na sociedade e na tecnociência capitalista cis-branco-hetero-patriarcal. Enquanto a razão é a norma central do projeto de desenvolvimento tecnológico hegemônico, temos buscado compreender e analisar o cuidado como centralidade e orientação na conformação dessa rota alternativa.

Mais do que nunca, nos parece pertinente olhar para essa diversidade de territórios, onde produção e reprodução se articulam de maneira indissociada, buscando refletir sobre as estratégias de enfrentamento e resistência contra a lógica capitalista e androcêntrica dominante no campo da ciência e tecnologia. Identificamos



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

na Serra da Misericórdia um campo fértil para essa reflexão. Pretendemos, no entanto, ir além.

MOMENTO ATUAL

Com os avanços atuais do projeto, fomos contemplados com duas bolsas de Iniciação Científica e duas bolsas de Extensão, conseguindo, assim, novos membros para enriquecer a equipe e fortalecer o estudo e a atuação na Serra. Hoje, a equipe conta com duas estudantes de graduação de psicologia, uma estudante de engenharia ambiental e um estudante de Ciências Matemáticas e da Terra, todos remunerados com bolsas. Além disso, temos dois mestrandos que atuam de maneira voluntária no projeto.

A equipe tenta se organizar para realizar visitas mensais a Serra, no entanto, muitas vezes essas visitas precisam ser canceladas, especialmente por conta das frequentes “operações policiais” que acontecem no local. Destacamos, no entanto, que todas as vezes que chegamos lá nos surpreendemos com as novidades, como a criação de um banheiro seco, de um tanque de peixes, construção de locais para criação de animais e até mesmo a produção e colheita de vegetais e frutas. A partir desse diálogo permanente, (re)elaboramos nosso plano de ação de acordo com as demandas apontadas pelas mulheres. Hoje, o projeto está organizado em seis frentes:

(1) Encontros de mulheres: ao longo deste ano, realizamos e pretendemos fazer mais encontros entre o grupo de mulheres que acompanhamos na Serra da Misericórdia e outros grupos similares, buscando a criação de espaços-tempos de diálogos e trocas de aprendizados e experiências que acreditamos que podem potencializar a produção-reprodução da vida em cada território.

(2) Cozinha comunitária: o apoio na organização do trabalho para a consolidação de uma cozinha comunitária na Serra é uma das demandas apontadas pelas nossas interlocutoras no território. Hoje os avanços nesse projeto estão comprometidos pela falta de um local adequado para realização dessa atividade, impactando também na



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

desmobilização do coletivo de mulheres que atuaria na cozinha. Dessa forma, nossos esforços nesse sentido tem se direcionado especialmente para busca de editais ou outras possíveis fontes de financiamento para a construção da cozinha, que já conta com um espaço destinado para isso e com um projeto desenhado por uma arquiteta parceira.

(3) Escola Popular de Agroecologia: uma das maravilhosas ações desenvolvidas pelo grupo de mulheres autoorganizadas na Serra é uma Escola Popular de Agroecologia, que recebe diariamente cerca de 40 crianças e jovens para aprender-praticando sobre agroecologia na favela. Fomos convidadas para contribuir com a escola com um módulo de atividades sobre Tecnologia Social, pensando em alternativas para o saneamento na região. A atividade está sendo preparada em parceria com o LUTES (Lutas Urbanas, Tecnologia e Saneamento), outro projeto do SOLTEC, o qual visa discutir os problemas de saneamento em territórios populares e buscar por meio de processos participativos e dialógicos, soluções coletivas de saneamento ecológico.

(4) Comunicação: em 2022, apresentamos os acúmulos do projeto no ENEDS. O trabalho também foi apresentado na SIAC 2023 e no EREDS-SE, que aconteceu na UNICAMP no final de maio. Agora submetemos esse trabalho para o ENEDS 2023, no intuito de manter canais de comunicação diversos a partir da experiência do projeto. Estamos ainda elaborando uma sistematização inicial do trabalho em uma linguagem popular que deve ser publicada em breve. Além disso, frequentemente publicamos pequenos textos a partir das atividades realizadas no boletim interno do NIDES.

(5) Prospecção de recursos: no diálogo com o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM), nosso principal parceiro na Serra, estamos permanentemente em busca de novas possibilidades de financiamento para as ações. Atualmente contamos com recursos da FAPERJ e do CNPQ, que financiam as bolsas de Iniciação Científica, além do financiamento interno da UFRJ que garante as duas bolsas de extensão.



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

Seguimos submetendo propostas de apoio mais robustos para FAPERJ, e sempre em busca de outros caminhos.

(6) Formação da equipe: a partir desse projeto de pesquisa foram criadas duas disciplinas de títulos similares, uma sendo ofertada para a graduação e outra para a pós-graduação. Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado (NID-106) é a disciplina de graduação, que tem servido também como espaço de formação para a equipe do projeto.

PARCERIAS

Ademais, é fundamental termos parceiros para atuarmos juntas no amplo território da Serra, com suas complexas demandas. No mês de abril, fizemos uma reunião com representantes do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde (NUTES/CCS/UFRJ), do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur/UNIRIO), da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU), do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU-RJ) e da CAPINA, além do CEM, protagonista das ações no território. Buscamos avançar no diálogo para construção da cozinha comunitária na Serra, mas também identificar outras potenciais ações conjuntas.

RELATOS

Última visita à Serra

No mês de junho, a equipe do projeto TTC organizou uma das oficinas de formação do SOLTEC na Serra da Misericórdia. Foi a oportunidade de uma integração dos demais extensionistas do Núcleo com o território. Nos reunimos inicialmente para uma longa caminhada pela comunidade, guiada pelos atores locais, sempre nos mostrando algo novo que produziram para a melhoria de vida dessa população, assim como pudemos ouvir e participar de relatos sobre as trajetórias que essas pessoas percorreram até



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

chegar ali. Indubitavelmente, foi um dia de muito aprendizado, conexões inexplicáveis, construções riquíssimas de saberes que (re)produzem resistência e desconstrução.

Ademais, realizamos um intercâmbio potente entre as mulheres da Serra e um grupo de mulheres da comunidade do Preventório (Niterói). O projeto Mães a Obra, realizado nesta comunidade, com o protagonismo de uma mulher que aprendeu ao longo de sua trajetória de vida técnicas de construção civil para construir sua própria casa, é apoiado pelo Banco Comunitário do Preventório, e permite a troca de saberes e experiências no campo da construção. O encontro entre esses dois grupos de mulheres se realizou nesta visita, que foi encerrada com uma roda de conversa entre elas, e com a participação dos estudantes.

Após a atividade, acreditamos ser relevante a forma que os participantes podem ter sido atravessados durante o evento, por isso, pedimos um feedback dos participantes extensionistas e não-extensionistas através do “Formulários Google”. Como resultado, a maioria disse sobre a grandiosidade que acompanha a Serra, todo o verde em meio a área urbana, a impressionante criação popular organizada a tempos e, principalmente, a infelicidade das políticas públicas não chegarem nesse território. Para mais, outros foram atravessados pelos conceitos “tecnologia, trabalho e cuidado” ao estarem vivenciando essa realidade por um dia, a presença recorrente da violência e outros obstáculos que atravessam a vida desses cidadãos invisíveis. E todo relato dado, nos leva a crer que estamos seguindo o caminho certo, ao encontro de construções potentes de saberes a melhoria lado a lado de incríveis mulheres.

Seminário de mapeamento de ações

No mês de Julho, realizamos no campus universitário, um seminário para mapeamento das ações que hoje acontecem no território. Parceiros da CAPINA e do NUTES/UFRJ estiveram com a gente nessa ocasião, dialogando com as mulheres do CEM, que protagonizaram a conversa que culminou na representação gráfica a seguir:

Figura 1 - Cartografia das ações realizadas na Serra da Misericórdia



Fonte: elaboração própria

O desenho foi elaborado por Tatiana Magioli, pintora e professora de artes. Nele estão representados os principais espaços onde acontecem as atividades coletivas de produção-reprodução da vida na Serra. Pretendemos nos próximos meses trabalhar no aprofundamento desse mapeamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente, nos sentimos impotentes em meio à grandeza e potência do território e à rapidez com que as ações se desenvolvem no lugar. Temos o papel do cuidado de não transpor nossos problemas para o território, e sim, auxiliar as mulheres com as questões delas (que também não deixam de ser nossas). Na relação com elas, nós que entramos na dinâmica delas e não elas que entram na nossa dinâmica. Logo, é imprescindível compreender que o CEM é da produção da terra, sonhar junto, sonhar coletivo e o cuidado com o espaço, para além de qualquer projeto e edital. Procuramos



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

cada vez mais melhorias que buscam transformar as relações de poder, reconstruir conceitos de tecnologia e trabalho, e criar espaços de diálogo e colaboração, assim, fortalecendo as mulheres e a tecnologia social pelo cuidado.



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

REFERÊNCIAS

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). A produção do Viver. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista (SOF), 2003. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Caderno-A-produ%C3%A7%C3%A3o-do-viver1.pdf>. Acesso em: 26/07/2023.

CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia; TITO, Neuza (Orgs.). Trabalho doméstico e de cuidados – por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista (SOF), 2004. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/07/TRABALHO-DOM%C3%89STICO-E-DE-CUIDADOS-2008.pdf>. Acesso em: 27/07/2023.

DAGNINO, Renato. Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas. Campinas Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7hbdt/pdf/dagnino-9788578793272.pdf>. Acesso em: 28/07/2023.

DAVIS, Angela. Mulheres, classe e raça. Introdução. Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf. Acesso em: 25/07/2023.

HELENE, Diana; LAZARINI, Kaya ; ANDREOTTI, M. B. A gestão dos cuidados tem gênero, raça e classe: as zonas de sacrifício da Covid-19 nas cidades brasileiras. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Mackenzie Online), v. 21, p. 28-43, 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/download/gestao.cuidados.genero.raca.classe.cadernos.pos.au.2021.1/11054/61464>. Acesso em: 26/07/2023.

HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cad. Pesquisa. [online]. 2007, vol.37, n.132, pp.595-609, set/dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28/07/2023.

NOVAES, Henrique T.; DIAS, Rafael. Construção do marco analítico-conceitual da Tecnologia Social. In: Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas, SP: Komedi, 2010. Disponível em:



XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Crise e Transição: Engenheirando Alternativas

30 de Outubro a 01 de novembro de 2023

Belo Horizonte - MG, Brasil

<https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/47974/IDL-47974.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25/07/2023.

VASCONCELLOS, Bruna Mendes. Politizando o cuidar : as mulheres do Sul na construção de alternativas sociotécnicas. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, São Paulo : [s.n.], 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296889099.pdf>. Acesso em: 27/07/2023.